ECONOMIA

Onde o têxtil é feito com ecrãs táteis

22.07.2019 às 14h45

Na Riopele há mais de 1100 colaboradores, que aprendem a trabalhar com tecnologias avançadas para complementar a mão que ainda deteta o detalhe como ninguém

RUI DUARTE SILVA

Reportagem: Fomos a Famalicão perceber como a revitalização da zona — com a digitalização e a sustentabilidade à cabeça — ajudou o sector a atingir 10% das exportações do país

TIAGO OLIVEIRA

Enquanto se percorrem as escadas para uma das unidades de produção da Riopele, em Famalicão, o barulho vai aumentado de intensidade. E a caixa com tampões no final da subida confirma as suspeitas. "Se quiserem, podem utilizá-los", avisam-nos antes de entrarmos. Entre o som ensurdecedor das máquinas que não param e os trabalhadores que vistoriam minuciosamente cada peça e fio de tecido encontram-se também uns elementos que até há poucos anos seriam impensáveis num ambiente industrial destes: ecrãs táteis. Instalados em pontos nevrálgicos e em algumas máquinas, permitem recolher dados instantaneamente. "As máquinas comunicam, dão informações em tempo real." Por outras palavras, "é a Indústria 4.0", como refere várias vezes o administrador da empresa, Bernardino Carneiro, e um exemplo do processo de revitalização que ajudou a indústria têxtil a representar 10% das exportações portuguesas.

Em 2018, as vendas para o exterior atingiram os €5,314 milhões, um recorde absoluto e que representa uma subida de 2% face a 2017, de acordo com dados da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP). Podemos não ficar por aqui, porque os números mais recentes mostram que as exportações aumentaram 3,7% em maio deste ano face ao mesmo período de 2018. "A fasquia é cada vez mais elevada, mas a superação é uma meta que temos conseguido superar", considera o presidente da ATP, Paulo Melo. No seu todo, o sector representa cerca de 138 mil trabalhadores e 3,5% do emprego em Portugal, além de ser responsável por 9% da produção e volume de negócios da indústria transformadora.

Dos dois teares aos €74 milhões

Números que atestam o otimismo dos empresários e que dão conta do "contributo para as contas do Estado", como faz questão de dizer Bernardino Carneiro. O administrador entrou "como adjunto para a área da contabilidade" há 37 anos e orgulha-se de ser o primeiro colaborador a ascender à estrutura diretiva "sem fazer parte da família" que, pela mão de José Dias de Oliveira, em 1927, fundou com dois teares a empresa que superou no ano passado os €74 milhões em volume de negócios. Há uma década, "o sector têxtil estava condenado. Tivemos a sorte de ter pessoas cá dentro que acreditavam no contrário".

Hoje, 96% da produção são para exportação, e a digitalização e a sustentabilidade são vistas como os grandes pilares de futuro para "reforçar a competitividade". Daí a aposta nos ecrãs do primeiro parágrafo e numa série de sensores que "multiplicam o volume de dados" para "transformá-los em conhecimento". Sem esquecer a central fotovoltaica para dar energia a uma das unidades de fiação e a que Bernardino Carneiro nos leva de carro. "Hoje, não conseguem ver as nossas trabalhadoras, devem estar escondidas na sombra", diz-nos, entre risos, referindo-se às ovelhas que mantêm naturalmente o pasto que rodeia os painéis.

Concentração de emprego

Vila Nova de Famalicão é o centro de uma região onde num raio de 50 quilómetros se encontra mais de metade da indústria têxtil portuguesa — como pode ver pelo gráfico nesta página — e afirma-se como "um dos principais polos industriais do país", assegura o presidente da Câmara Municipal. Paulo Cunha diz que "o aparecimento das primeiras indústrias algodoeiras, nas margens do rio Ave, em finais do século XIX, colocou-nos no centro da revolução industrial em Portugal". O autarca fala daquele que é "o terceiro concelho mais exportador e um dos que mais contribui para o equilíbrio nacional, ao apresentar uma balança comercial muito favorável", ao passo que a indústria é atualmente "um notável exemplo de qualidade organizativa e de qualificação de recursos humanos". De facto, estamos na "zona europeia de maior concentração de emprego têxtil", revela António Braz Costa, diretor-geral do Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal.

Fundado em 1989, o CITEVE é o "único centro de tecnologia têxtil" do país. Foi criado para servir de apoio tecnológico a empresas que se viam "pressionadas pela falta de qualidade e valorização do produto nacional". A instituição tem trabalhado para desmentir a ideia de que o têxtil "é um sector de baixa tecnologia".

"Mais de 120 pedidos de patentes"

Entre as empresas com que a Riopele trabalha, 20% são estrangeiras, e os corredores do edifício mostram-nos salas carregadas com mecanismos de proteção que procuram replicar ambientes industriais, laboratórios químicos e espaços onde se testa tudo, desde os efeitos de máquinas de lavar até à resistência de tecidos a incêndios com lança-chamas.

Desde 2010 já se fizeram "mais de 120 pedidos de patentes" para tecnologias que se tornaram uma referência e ajudaram as "empresas a afirmar-se a nível internacional". Trabalho que contribuiu para uma "década de sucesso", onde a faturação por trabalhador aumentou 50% e passou de pouco mais de €36 mil para quase €55 mil, segundo um estudo da CIP e da Nova SBE.

"Os clientes estrangeiros voltaram a Portugal pelas melhores razões", afirma António Braz Costa, que defende que o nosso país lidera o panorama europeu no que diz respeito "a aplicações tecnológicas" em certos elementos da produção têxtil. Um sector que projeta uma imagem diferente daquela que tinha quando o engenheiro mecânico entrou no CITEVE: "Não faltaram amigos a perguntar-me se tinha tido um desgosto amoroso."

Compromisso com a inovação que marcou a Summit do Sector Têxtil, evento realizado no CITEVE e integrado no projeto "Os Nossos Campeões", onde o presidente da ATP, Paulo Melo, e o membro do Conselho de Administração do Novo Banco, Vítor Fernandes, assinaram uma parceria para promover o desenvolvimento do sector sob o mote "Exportar +"

O QUE VALE O SECTOR

7,61
milhões de euros é o volume de negócios da indústria têxtil em Portugal, em 2018, segundo a ATP

32%
da produção da indústria vai para Espanha, país que se encontra no topo dos clientes do têxtil português

12
mil empresas (aproximadamente) operam na indústria têxtil e de vestuário, de acordo com o INE

Textos originamente publicados no Expresso de 20 de julho de 2019